

# FBT faz 40 anos e enfrenta nova crise

Criada no Rio por Dulcina de Moraes e transferida para Brasília no início dos anos 80, a *Faculdade de Arte* passa por maus momentos

Acácio Pinheiro

MARCOS SAVINI

**E**ntre os muitos tesouros escondidos no edifício da Fundação Brasileira de Teatro, entre as centenas de ricos figurinos usados por Dulcina de Moraes em seus espetáculos ou ao lado das apostilas criadas por Cecília Meirelles durante o tempo em que deu aulas na Academia de Teatro (antigo nome da faculdade quando ainda funcionava no Rio de Janeiro), encontra-se um discurso de 40 anos atrás, que serviu como aula de inauguração da FBT. Das 14 páginas escritas a mão, Dulcina cortou um trecho sobre a situação do teatro brasileiro daqueles tempos, que mais parece uma profecia do descaso atual enfrentado pela instituição que ela sonhou, construiu e transferiu para Brasília no início dos anos 80:

“...porque não desejamos que se dilua num passado remoto a tradição tão custosamente recolhida; para que se não percam ideais e sacrifícios de antepassados e contemporâneos; para que as nossas realizações do presente sejam consideradas e tenham sentido; para que esse espírito do teatro possa concentrar-se e criar raízes em nossa gente e em nossa cultura, impunha-se a Fundação Brasileira de Teatro...”

Com os anos de acúmulo das dívidas junto ao FGTS e à Terracap, sem qualquer tipo de apoio governamental ou privado para cobrir os altos índices de inadimplência dos seus alunos, com o teatro aproveitado apenas pela metade de sua capacidade em receber espetáculos, sem recursos para investir em novos projetos ou na manutenção de suas instalações e acervos, a FBT vê seus “ideais e sacrifícios”, diluindo-se numa das maiores crises que já enfrentou. Instituição de ensino das artes que já teve em seus quadros gente como Cecília Meirelles, Henriette Morineau, Maria Clara Machado, Bibi Ferreira, Adonias Filho, Gianni Ratto — entre outros artistas e escritores — a FBT agora mal consegue segurar a evasão dos professores descontentes com salários de pouco mais de 400 reais no mês passado.

Ainda assim, um grupo de alunos, com direção de B. de Paiva, faz amanhã um *happening* comemorando os 40 anos da Fundação Brasileira de Teatro, em cima da marquise da fachada do Teatro Dulcina. Em seguida, será aberta uma exposição com vídeos, fotos e uma pequena amostra de alguns dos figurinos de Dulcina de Moraes trancados há anos numa sala da FBT. São trajes luxuosos, da época em que o teatro ocupava o centro das atenções agora reservado à televisão, tempos em que atriz lançava moda a cada uma de suas estréias de novos espetáculos no Rio de Janeiro. Nesta entrevista ao *Caderno 2*, o diretor da FBT, B. de Paiva, fala das atuais dificuldades enfrentadas pela entidade.

— Ao completar 40 anos de existência, a Fundação Brasileira de Teatro está com seu funcionamento ameaçado?

— A FBT está atravessando um momento difícil. Mas se o Banespa e a TV Cultura, que são algumas das mais importantes instituições mantidas pelo estado, estão como estão, por que uma entidade quase assistencial, que privilegia o ensino das artes, estaria em boa situação? A Dulcina nunca admitiu cobrar de seus alunos uma taxa acima do normal e do razoável. Nós estamos com uma média de 50% de inadimplência. Quase todos nossos alunos são das cidades-satélites, ficaram sem condições de saldarem suas dívidas. Se tivéssemos em caixa os R\$ 56 mil perdidos em inadimplências, poderíamos manter a instituição, mesmo que em níveis modestos. Meu maior medo é que este espaço acabe sendo destinado para alguma atividade que pareça ser a mesma, e aos poucos perca sua destinação original.

— A FBT já passou por outros períodos de grande aperto. Você acredita que este atual possa ser contornado?

— Eu me pergunto às vezes como que esta faculdade, nestas circunstâncias especiais, se constituiu no primeiro conjunto das artes no ensino superior no Brasil, e desde 1981 já licenciou cerca de dois mil alunos — mais que todas as universidades federais juntas. Eu continuo a acreditar que a comunidade pode tirar a FBT desta situação difícil.

— Que tipo de solução seria a melhor e mais viável?

— Eu fico tentando imaginar como seria possível encontrar uma solução para uma instituição sem o peso das universidades federais, ou das privadas com fins lucrativos. Penso num meio de atrair patrocínios que pudessem nos auxiliar com apoio do novo índice de abatimento no imposto de renda previsto pela Lei Rouanet, que subiu para 5%. Daria para manter a faculdade com uma doação de 200 mil reais divididos entre três grandes empresários. Mas a minha grande fé é a de que a Fundação Banco do



B. de Paiva: “Meu maior medo é que este espaço acabe sendo destinado a alguma atividade que pareça a mesma, mas perca sua função original”



Em 67, Dulcina (lendo o discurso) lançava a pedra fundamental do teatro que leva seu nome. À direita, figurinos dos seus tempos áureos

## Dulcina segue o caminho das divas

A comemoração dos 40 anos da FBT passará sem a presença de sua criadora, Dulcina de Moraes. Aos 88 anos, ela prossegue em sua reclusão voluntária em seu apartamento na 111 Sul, de onde não sai há cinco anos, convivendo apenas com a sobrinha Vera e com as visitas aos domingos, para tomar lanches e conversar do amigo e bailarino Fernando Azevedo. “É natural... ela sempre foi muito vaidosa, era a rainha dos palcos, seus

guarda-roupas eram famosos. E as pessoas são muito maldosas, acham que artista não pode envelhecer. Por isso as grandes divas gostam de preservar no público a imagem de esplendor de quando eram jovens. Todas as grandes divas do cinema fizeram isso — Marlene Dietrich, Marilyn Monroe, Greta Garbo. O pessoal inventa mil histórias sobre a Dulcina, que ela está em cadeiras de rodas, que está fora de si. A verdade é que ela tem os esquecimentos normais de uma pessoa da idade dela”, conta Fernando Azevedo. (M.S.)

Brasil assumisse tudo num regime de comodato por 10 ou 15 anos. A gente poderia manter a instituição, fazer grandes cursos com profissionais convidados, retomar o projeto da pós-graduação.

— Não há nada que o Ministério da Cultura ou o GDF possam fazer para ajudar a FBT?

— Os espaços culturais estão se degenerando, e não acredito que o Ministério da Cultura possa nos ajudar, pois ele também vive uma situação difícil. Os espaços culturais em Brasília estão morrendo, e não há governo capaz de mantê-los. Isto porque são muitos, cerca de 90, e não existem condições de preservá-los, porque foram construídos pelo regime militar com um nível de sofisticação muito grande para uma realidade que o País não tem.

— As apresentações no Teatro Dulcina têm sido reduzidas e sem nenhu-

ma produção nacional muito expressiva. Dá para manter um teatro, como o Dulcina, apenas com a renda dos poucos espetáculos que aparecem?

— O teatro se mantém principalmente com o que ganhamos apresentando espetáculos vendidos para escolas. Mas este dinheiro, que deveria ser revertido para a manutenção e melhoria do próprio teatro, acaba tendo de ser desviado para a faculdade. O teatro sobrevive graças ao *Projeto Escola*, mas em compensação, temos duas ou três cadeiras destruídas por sessão. De qualquer maneira, não vamos mais aplicar o dinheiro do teatro na faculdade. Mas teremos de manter o quadro de profissionais — são 12 para o teatro e 62 na faculdade — com o mínimo necessário.

— Na sua opinião, o que tem afastado as grandes produções do Teatro Dulcina?

## Um espetáculo em homenagem à atriz

Dulcina de Moraes voltará a ser homenageada na próxima semana, quando estréia o espetáculo *Nossa Senhora dos Palcos*, com o grupo Côro Dramático de Brasília, texto e direção de Celso Araújo. Até onde se sabe, ele foi o último jornalista a entrevistar a atriz, em 1977. “Desde que a conheci, tive a vontade de escrever uma peça sobre ela”, lembra o diretor e jornalista, que deu o mesmo título de uma de suas reportagens sobre a Dulcina ao texto teatral que ainda está finalizando. “Ele ainda está por ser escrito. Não é uma biografia. É uma homenagem onde aparecem quatro das personagens mais famosas que ela representou”.

Celso Araújo desistiu da idéia de colocar a própria Dulcina de Moraes como personagem da peça quando imaginou a dificuldade que teria de achar alguém para o papel: “Nenhuma atriz local teria a tarimba para dar conta de Dulcina. Não por falta de talento, pois existem muitas talentosas, mas por não te-

rem a história e as referências, coisas que vieram da carreira dela. Ela é considerada a primeira grande comediantes moderna no Brasil. Era muito versátil no palco. Seu trabalho não se confundia com a chanchada. Era uma comédia fina, tanto no trato da linguagem como na encenação”, conta o diretor e jornalista.

Celso Araújo considera “dramática” a situação atual da FBT e da preservação da memória de Dulcina de Moraes. “É revoltante. É o principal motor do espetáculo. O maior patrimônio do teatro em Brasília devia ser tratado com respeito e cuidado. É um centro cultural importantíssimo. Sou a favor da criação de um museu sobre Dulcina, e tem que ter o apoio do Governo. Se fosse nos Estados Unidos, ali já seria uma fundação, com biblioteca, exposição dos seus álbuns de fotos e todos aqueles figurinos expostos para visitação turística, com muita luz e música. Só um país subdesenvolvido como o nosso faz isto com as pessoas. Se há algum projeto prioritário no tratamento à cultura em Brasília, é este”. (M.S.)

## AS CONTAS DA FBT

— Dos 405 alunos, 36 são bolsistas.

— Dos 369 alunos pagantes, 192 (mais da metade), estão em débito.

— A inadimplência somou, apenas no mês de maio, quase R\$ 60 mil.

— O que a FBT deixou de receber é quase o dobro de suas despesas no mês, que somaram R\$ 36 mil.

— Para as companhias de prestígio, o Teatro Dulcina não é favorável, mesmo que a nossa acústica seja melhor que a das salas do Teatro Nacional. Mas, enquanto nosso teatro dá para 440 pessoas, na Villa-Lobos cabem até 1.300. E lá eles pagam 15% de bilheteria para a Fundação Cultural, enquanto aqui nós cobramos 20%, porque menos do que isso não compensaria. Estamos passando metade do mês sem funcionar, numa média de 30 semanas por ano (que tem 54 semanas). Nos quatro anos que a Fundação Banco do Brasil patrocinou a *Temporada Nacional* no Teatro Dulcina, nós recebíamos uma média de 10 produções importantes por semestre. Duas delas davam um bom sucesso financeiro, porque nós tirávamos apenas a renda da bilheteria, enquanto os grupos selecionados tinham todas as despesas pagas e um cachê superior a uma Sala Villa-Lobos lotada.

— Ainda não existe interesse da Fundação Banco do Brasil em retomar o projeto das temporadas nacionais?

— A FBB não pode mais nos ajudar, pois estamos na lista dos inadimplentes do Cadib (Cadastro de Inadimplentes do Banco Central), por causa de nossas dívidas de FGTS. Isto cria um impedimento para o patrocínio das temporadas nacionais, que eram muito importantes até porque também ajudavam a cobrir as despesas da faculdade.

— Então como voltar a atrair grandes espetáculos para o Teatro Dulcina?

— A produção teatral no Brasil reduziu muito. Os diretores e companhias mais famosos, que faziam um espetáculo por ano, agora produzem de dois em dois anos. As exceções ficam apenas para os galãs da TV que fazem o que eu chamo de “comediotas”. Ainda assim, temos tido uma média de 4 ou 5 pedidos de grandes produções do Rio ou São Paulo por semestre. Mas elas entram também na concorrência na espera de vagas na Villa-Lobos ou na Martins Penna, e acabamos perdendo.

■ **FBT 40 ANOS** — Apresentação teatral e abertura da exposição que comemora quatro décadas da Fundação Brasileira de Teatro. Amanhã, às 20h30, em frente ao Teatro Dulcina.